

LOUCURA NA OBRA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

Evaldo Teles Rodrigues¹; Francisca Bezerra de Oliveira²; Nívea Mabel de Medeiros³; Ana Carolina de Souza Pieretti⁴

Acadêmico de Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Email: evaldomeds@gmail.com (Autor)¹; Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP), Professora Titular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e Pós-doutora em Desenvolvimento Regional e Sustentável, Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: oliveirafb@uol.com.br (Orientadora)²; Mestranda em Sistemas Agroindustriais, Especialista em Saúde da Família, Docente na UAENF/CFP/UFCG. Email: niveamabel@hotmail.com (Coautora)³; Residente de Psiquiatria, Mestrado em Saúde da Família, Docente da UACV/CFP/UFCG. Email: contatodacarol@gmail.com (Coautora)⁴

RESUMO

Introdução: As formas de compreender a loucura, ao longo da história, às vezes contraditórias, trouxeram contribuições escassas no tocante à loucura e a possibilidade do pleno viver a partir dessa experiência. É possível que a obra de Miguel de Cervantes possa contribuir para um outro modo de perceber e vivenciar essa experiência. **Metodologia:** Trata-se de um ensaio teórico com reflexões sobre a loucura na obra de Dom Quixote. A partir dessa obra faz-se uma discussão sobre a loucura ancorada nas ideias de Foucault e no modelo mítico-religioso proposto por Pessotti, contextualizando a visão da mesma, à época da produção da obra de Cervantes. **Resultados e Discussão:** “Dom Quixote” viveu entre os séculos XVI e XVII, vítima de um mundo em transformação, marcado pela transição para a Idade Moderna. Tal período regulado por normas que resultaram em muitos aprisionado se rejeitados pela sociedade devido chocarem o mundo com suas ideias e atitudes, de forma a serem tolhidos em suas experiências, negando-se a possibilidade da existência do viver bem. Havia barcos que levavam os loucos de uma cidade para outra, e como errantes eles vagavam a esmos, sendo a loucura atribuída à obra do demônio. “Dom Quixote”, apesar da alienação que o acompanhou e do contexto histórico em que viveu, procurou fazer dessa experiência uma forma digna e plena de viver. **Considerações Finais:** A discussão sobre a loucura a partir da obra Dom Quixote revela a experiência do diverso, perfazendo caminhos entre a razão e a desrazão, possibilitando enxergar positividade na loucura.

Palavras-chave: Loucura, Dom Quixote, Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A loucura enquanto desrazão, desconstrução da existência e como algo ameaçador tem sido construído e perpetuado por práticas ao longo dos séculos. Na medida em que o louco é

visto como um ser incapaz da razão e da verdade, é, por extensão, percebido como um ser fora de si, perigoso, para si e para os demais, sendo quase sempre excluído da sociedade.

Portanto, as formas de lidar e compreender a loucura, ao longo da história da humanidade, às vezes contraditórias e simplificadoras, trouxeram contribuições escassas no que diz respeito à natureza humana, ao fenômeno da loucura, e a possibilidade do pleno viver a partir dessa experiência.

É preciso maior abertura teórica para que possamos pensar um outro *locus* para a loucura, os saberes e as práticas em saúde mental. Há necessidade da produção de um conhecimento complexo que se funde na superação das distinções ente razão e loucura, ciência e virtude, existência e sofrimento, ficção e realidade, objetividade e subjetividade.

Compreende-se que uma obra de ficção como Dom Quixote de Miguel de Cervantes, objeto deste estudo, pode favorecer essa abertura teórica e proporcionar um debate instigante, que seja possível ver positividade na experiência da loucura e favoreça a produção de práticas agenciadoras de experiências subjetivas. Ficção e realidade estão intimamente relacionadas. A literatura é uma fonte de pesquisa que embora não tenha uma sistematização teórica e/ou metodológica e não seja considerada um “conhecimento científico” pode contribuir para a compreensão das relações afetivas e socioculturais.

Este trabalho intenta refletir sobre a loucura, tendo como fio condutor a obra de Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes. Faz-se uma contextualização histórica da obra, com ênfase no autor e nas principais personagens. Logo em seguida, destaca-se fragmentos de loucura da personagem “Dom Quixote”, buscando discutir o real sentido da loucura à época da produção cervantina, entre os séculos XV e XVI.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um ensaio teórico tendo fio condutor as reflexões sobre a loucura na obra de Dom Quixote de La Mancha, Cervantes (2012). A partir dessa obra faz-se uma discussão sobre a loucura procurando estabelecer um diálogo ancorado nas ideias de Foucault (2014) e com o modelo mítico-religioso proposto por Pessotti (1994), de forma a contextualizar a visão da loucura à época da produção da obra de Cervantes, séculos XV e XVI, objeto de análise. O trabalho aqui apresentado é um recorte do TCC intitulado: Loucura e Estigma: à luz da obra Dom Quixote de La Mancha.

CERVANTES E O CONTEXTO HISTÓRICO ESPANHOL

O século XVI foi inaugurado por diversos movimentos, entre eles o Renascimento, o protestantismo, os descobrimentos, a formação dos Estados Nacionais, ao mesmo tempo, esses fenômenos são todos medievais, e os monarcas da época tinham como objetivo a centralização política (FRANCO JÚNIOR, 1992). Mesmo com essa mentalidade medieval, esperava-se um modelo de sociedade diferente. Permanecia, no entanto, a perseguição aos cristãos novos, principalmente, por instituições de poder como a Igreja, essa assim denominada Inquisição se arrastaria até o século XIX.

Na Espanha, como na Europa toda, essa política apenas justificava a tomada de bens e a proibição dos mesmos de participarem de corporações profissionais através dos estatutos de pureza de sangue, resolvendo problemas de ordem social de forma mais truculenta do que na própria Idade Média, não só contra os judeus, mas protestantes, homossexuais, intelectuais e “bruxas”. Assolados pela peste, por guerras e perseguições religiosas, a sociedade espanhola estava com sua população diminuída, numa época em que a estimativa média de vida chegava aproximadamente aos 35 anos, Cervantes chega a viver quase 70 anos. Os espanhóis partiram nessa mesma época para a América, em busca de territórios e no intuito de “civilizar” os povos ameríndios, assolando regiões onde havia minérios, dizimando povos, extirpando suas culturas.(PORTUGAL, 2009)

Miguel de Cervantes (1547-1616), nasceu em Alcalá de Henares, Espanha. Filho do cirurgião, Rodrigo Fernandes e de Leonor Cortinas. O quarto de sete filhos. Miguel muda-se para Madri aos 19 anos e começa a estudar em Salamanca aos 22 anos, na mesma época muda-se para a Itália, tendo combatido contra os turcos na batalha de Lepanto. Foi mantido prisioneiro por cinco anos pelos turcos ao regressar da Itália, mesmo período em que começou a escrever suas comédias. Tendo seu pai falecido e lhe deixado a incumbência de tomar conta de seus irmãos, Miguel passou a trabalhar como escrivão na corte (RODRIGUÉZ, 2005).

SOBRE A OBRA E CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS PRSONAGENS

A obra Dom Quixote de La Mancha começou a ser escrita por Cervantes em 1580, na prisão, onde permaneceu trancafiado por cinco anos, por supostas dívidas ao rei, lá mesmo recebe de autor por pseudônimo Alonso Fernandez o que seria a segunda parte de seu livro. Dessa forma, apressa-se em escrever a continuação do livro que viria a ser publicada em 1615, bem próximo à data de sua morte, 22 de abril de 1616. Essa obra está dividida em

primeiro e segundo livros, publicados respectivamente em 1605 e 1615. Depois da Bíblia, é o livro mais traduzido e lido em todo o mundo (RODRIGUÉZ, 2005).

O Cavaleiro da Triste Figura, Dom Quixote de La Mancha ou Alonso Quijano, nome verdadeiro da personagem principal dessa obra, é movido pela necessidade de justiça, maior sentido de sua vida, e pelas próprias virtudes que tem. Sai a travar batalhas pelas terras de La Mancha à Catalunha na Espanha, junto com seu escudeiro, Sancho, seu companheiro destituído de instrução e arrazoadado: com ovelhas que mais lhe parecem um exército de inimigos, a libertar prisioneiros das mãos de soldados da corte, a arremeter-se contra odres de vinho e moinhos de vento como se os mesmos fossem inimigos, idealizando a musa Dulcineia (Aldonza Lorenzo). Nesse ínterim, surgem as relações da sociedade da época, que unidas às relações familiares agem como forças coercitivas, a sobrinha e a ama, com quem vive nossa personagem, tramam planos de aprisioná-lo em casa, de impor uma insanidade, e o fazem, juntamente com outras figuras representativas do vilarejo (CERVANTES, 2012).

A personagem principal é um homem que vive entre os séculos XVI e XVII, portanto, vítima de um mundo em transformação, marcado pela transição para a Idade Moderna, no fim do século XV, pelo que pode ser designada de Ciência Moderna. Tal ciência reguladora de normas que resultaram em muitos aprisionados, mortos, torturados, afastados e rejeitados pela sociedade pelo fato de chocarem o mundo com suas ideias e atitudes, de forma a serem tolhidos em suas experiências sociais, negando-se a possibilidade da existência digna e plena do bem viver, como ele fazia.

Dom Quixote: o “fidalgo” é um senhor de meia idade, tinha em torno de cinquenta anos, leitor de romances vários e novelas de cavalaria, em especial. Um ser considerado franzino, enxuto de rosto, grande madrugador e amigo de caça. Vale ressaltar que esse tal fidalgo, nas horas em que estava ocioso (que eram as mais do ano) se dava a ler livros de cavalarias com tanto empenho e gosto que esqueceu quase por completo o exercício da caça e até da administração da sua fazenda; e a tal ponto chegou sua curiosidade e seu desatino, que vendeu muitos alqueires de terra de sementeira para comprar livros de cavalaria que ler, e assim levou para casa tantos quanto do gênero pôde conseguir (CERVANTES, 2012, p.57-58)

Roncicante: “Logo foi ver o seu rocim e, bem que tivesse mais quartos que um real e mais tachas que o cavalo de Gonela, que “tantum pellis et ossafuit”, pareceu-lhe que nem o Bucéfalo de Alexandre, nem Babieca, o de El Cid, a ele se igualavam... e assim, depois de

muitos nomes que formou, apagou e riscou, acrescentou, desfez e tornou a fazer em sua memória e imaginação, veio por fim a chamá-lo “Roncinante”, nome, a seu parecer, alto, sonoro e significativo do que havia sido quando rocim, antes do que era agora, o antepimeiro de quantos rocins há no mundo.” (CERVANTES, 2012, p.61).

Dulcineia: “E aconteceu, ou assim se acredita, que num lugarejo próximo do seu havia uma moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele andara enamorado algum tempo (ainda que, segundo se entende, ela nunca o tivesse sabido nem suspeitado). Chamava-se Aldonza Lorenzo, e a ela houve ele por bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e procurando-lhe um nome que não destoasse muito do seu e que soasse e tendesse ao de princesa e grande senhora, veio a chamá-la “Dulcineia d’El Toboso: nome, a seu parecer, músico, peregrino e significativo, como todos os outros que a si e às suas coisas tinha dado” (CERVANTES, 2012, p.62).

Sancho: “Nesse tempo chamou D. Quixote um lavrador seu vizinho, homem de bem (se é que esse título se pode dar a quem é pobre), mas com pouco sal na moleira. Enfim, tantas lhe disse, tanto porfiou e lhe prometeu, que o pobre vilão determinou de sair com ele e lhe servir de escudeiro. Disse-lhe D. Quixote, entre outras coisas, que podia ir com ele de bom grado, pois alguma vez podia acontecer-lhe uma aventura que ganhasse, do pé para a mão, alguma ínsula e o deixasse por governador dela. Com essas promessas e outras que tais, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos e se assentou como escudeiro do seu vizinho” (CERVANTES, 2012, p. 116).

A LOUCURA EM DOM QUIXOTE: DIÁLOGO COM OUTROS AUTORES

A leitura e o interesse da personagem “Dom Quixote”, por livros de cavalaria que colecionava em sua biblioteca, fez com que começasse a confundir o mundo real com o irreal. Sua imaginação, paulatinamente, tomou o lugar do bom senso. “Só pensava em batalhas, amores, gigantes, dragões”. Um dia decidiu tornar-se cavaleiro andante. Era a oportunidade de viver diversos perigos que haveria de vencer em nome da justiça, o que provavelmente lhe traria respeito e fama (ALBERGRARIA, 2010).

Dom Quixote alucinava-se e alienava-se desse mundo, tentando fazer dele uma possibilidade concreta de dignidade. Os moinhos de vento fazem o papel cíclico/reversível da loucura ou insanidade a que estava exposto o cavaleiro, que buscava a constante prática da

humanidade em seu existir no mundo “E assim, se tudo gira, o louco pode ser normal e voltar a ser louco, o normal pode enlouquecer”(LLERA, 2012).

O enlouquecimento do cavaleiro é feito através do estado de mimese, oscilando, de acordo com a leitura de um romance (ÁLVAREZ,2006). Pode-se notar, por exemplo, que Alonso Quijano surge em diversos momentos da vida de Dom Quixote. A personagem faz, portanto, uma passagem pela loucura, utiliza-a com meio de sobrevivência às mazelas que seu mundo o oferece (DREYFUS; WRATHALL, 2006).

Ao tentar compreender o fenômeno da loucura em Dom Quixote, é importante estabelecer um diálogo com autores como Pessotti (1994) e Foucault (2104) que abordam tal fenômeno, levando-se em consideração as concepções que retratam a loucura no período histórico (séculos XV e XVI), época de produção da obra Dom Quixote de La Mancha.

Segundo Pessotti (1994) o Modelo Mítico-Religioso que foi representado principalmente nos poemas de Homero, a loucura é um estado de desrazão, de insensatez e de perda de controle consciente sobre si mesmo. A origem da loucura é de natureza mitológica, é obra de Zeus, está no plano da divindade. A loucura pode ser geradora de agressão, de transgressão das normas sociais, podendo levar ao homicídio e à perda da vida (PESSOTTI, 1994).

Os poemas de Homero, mais especificamente a *Ilíada*, século VIII, a. C, caracterizam um modelo teórico mitológico que teve/tem reflexos importantes, nas diferentes épocas da psicopatologia. “Os heróis homéricos não enlouquecem, são tornados loucos, por decisões da divindade, embora as manifestações e consequências da loucura se passem no plano das realidades física e social” (PESSOTTI, 1994, p. 21).

Esse modelo volta a ter papel central no cotidiano das pessoas no final da Idade Média (séculos XV e XVI), sobretudo por influência das obras de Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Aqui, a loucura é mantida livre, a caridade do povo “esmolos” é que trata o louco. É algo de que você não pode escapar, pois faz parte dos propósitos de Deus, assim como ser pobre. Ainda nesse contexto, a crise do feudalismo abarrotava as cidades de mendigos e, estes juntos aos loucos e mutilados da Igreja passam a apresentar ameaças de surtos de violência e criminalidade. “Dessa forma, os leprosários são ocupados também por mendigos, portadores de doenças sexuais, loucos e mutilados. Esses espaços passaram a ser divididos por esses seres excluídos da sociedade por cerca de cento e cinquenta anos. (FOUCAULT, 2014).

Assim, na Idade Média, em que se consolidava o poder do cristianismo, as divindades pagãs passam a ser demônios e cultuá-las é adorar o demônio. A loucura era percebida como expressão das forças da natureza, como algo não humano, existindo sentimentos ambivalentes de terror e exaltação por algo que inspirava receio: **o insano**. Predominava a ideia de que as pessoas que apresentavam comportamento divergente da maioria da sociedade estavam possuídas pelo demônio. Para Pessotti (1994) a ideia central é a de quem apresenta formas de comportamento, aberrante, divergente ou indecente, quem faz ou diz coisas raras, estranhas ou imorais age por meio do diabo, sendo possuído por ele.

Para este autor, na Idade Média as formas de loucura que implicam quase sempre o delírio, assim como a mania e a melancolia, eram decorrentes de ação direta do demônio ou de qualquer bruxa. A causa da loucura enquanto mero delírio ou enquanto descontrole emocional é obra do demônio por iniciativa própria ou por solicitação de alguma bruxa. No primeiro caso (o diabo um ou mais), aloja-se no corpo da pessoa, especificamente na cabeça. No segundo, o demônio acompanha a pessoa e altera a suas percepções, emoções, interesse sexual, etc. A terapia indicada para a loucura demoníaca era os jejuns, as orações, a frequência as igrejas, bem como o exorcismo realizado por um sacerdote preparado para tal ação.

Vale destacar que no século XV, as cidades esconravam os loucos (os de origem estrangeira), deixando-os correrem pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. Havia barcos que levavam os insanos de uma cidade para outra, e como errantes eles vagavam de cidade em cidade. Frequentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracarem em seus portos. Alguns loucos eram protegidos pelas suas famílias, outros eram acorrentados, e/ou exorcizados (FOUCAULT, 2014).

As naus de loucos simboliza toda uma inquietude surgida no horizonte da cultura europeia, por volta do final da Idade Média. “Loucura e o louco tornaram-se personagens maiores em sua ambiguidade: ameaça e irrisão vertiginoso desatino do mundo e medíocre ridículo dos homens” (FOUCAULT, 2014, p. 14).

É nesse contexto histórico, do século XV e XVI, em que o imaginário social sobre a loucura estava impregnado pela ideia de que o louco enquanto uma existência errante, era estranho, e como tal devia ser excluído da cidade ou submetido às normas de controle social imposta pela Igreja e principalmente pela sociedade da época, onde está situada a obra de Dom Quixote de La Mancha de Cervantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a loucura e a as intempéries advindas dela ainda é pensar em um modelo de exclusão social, de desnudamento da individualidade, conseqüentemente da existência. Para Quixote, assim como para muitos ditos insanos, que escolheram vagar entre a ficção e a realidade, entre o real e o irreal, essa liberdade foi “tomada”, o medo do outro transformou a experiência dos incomuns no aprisionamento e na mutilação de subjetividades e vidas que assistimos por centenas de anos.

Experienciar a vida de uma forma plena é, também, poder ser/existir no mundo sem ser subjetivado. Essa oportunidade é um direito de todos, a expressão máxima do pertencimento ao tempo em que se vive e do que se deseja experienciar. É assim que a personagem em discussão resolve por si, pelo seu bem, a melhor maneira de estar na vida. Quixote dá vida à Alonso Quijano, que torna-se repleto, portanto, redentor de si próprio, livre da patologização a qual exasperadamente tentavam impor sobre seu ser.

A obra Dom Quixote de La Mancha, de Cervantes valida, (re)cria a vida, revela a experiência do diverso, perfazendo caminhos entre a razão e a desrazão, possibilitando enxergar positividade na loucura. Falar sobre uma obra de dimensão social e histórica tão singular, enfocando a questão da saúde mental não deixa de ser algo complexo, multidimensional. Este trabalho não tem a pretensão de encerrar um debate e/ou de falar apenas verdades sobre esses temas, mas busca aprofundá-los, sabendo inclusive que essa visão é parcial, diante do que já foi exposto.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, L. de. **O Fidalgo Dom Quixote de La Mancha/Miguel de Cervantes Saavedra**. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Encontro com os clássicos).
- CERVANTES, MIGUEL. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Livros 1 e 2. São Paulo: 3, 2012.
- DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. **A companion to fenomenology and existencialism**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2014.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

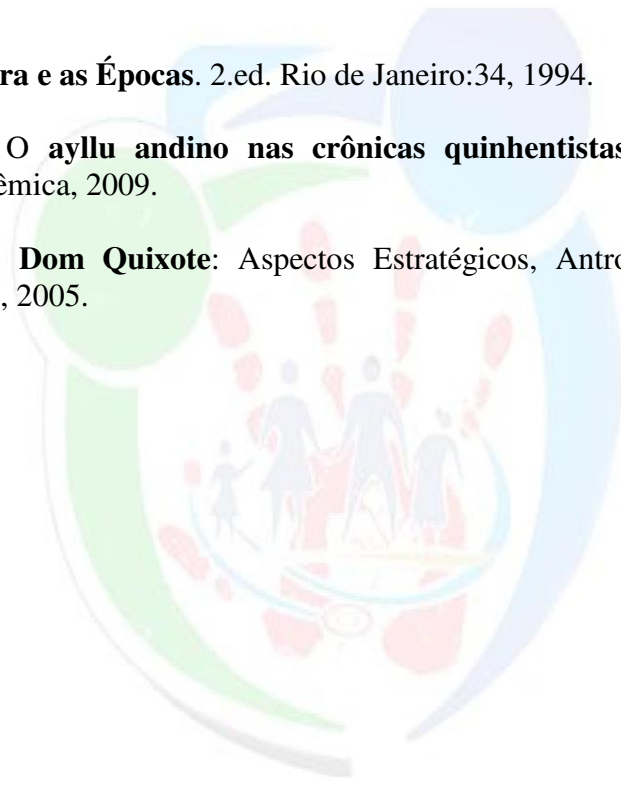
LLERA, J. A. **Los rostros de La locura**. Cervantes, Goya, Wiseman. Madrid: Abada Editores. 2012.

PÉREZ-ÁLVAREZ, M (2006). **The Psychology of Don Quixote**. Psychology in Spain, v.10, p. 17-27, 2006.

PESSOTI, I. **A Loucura e as Épocas**. 2.ed. Rio de Janeiro:34, 1994.

PORTUGAL, A. R. **O ayllu andino nas crônicas quinhentistas** [online]. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2009.

RODRIGUEZ, R. V. **Dom Quixote: Aspectos Estratégicos, Antropológicos e Culturais** [online]. Minas Gerais, 2005.



I CONGRESSO BRASILEIRO
em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios
e
CONGRESSO REGIONAL
em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO:    